

ATRÁS DAS LINHAS: O 11 DE SETEMBRO CATALÃO

Por Andrew Dowling*



“Els Segadors” (“Os Ceifadores”), pintura alusiva ao Corpus Christi de 1640, quando um grupo de ceifeiros se rebelou contra as tropas espanholas. Óleo de Antoni Estruch (1907). Museu Municipal de Arte de Sabadell, província de Barcelona, Catalunha.

As raízes da moderna motivação da Catalunha pela independência da Espanha estão em lutas que remontam a centenas de anos.

Para os catalães, o 11 de setembro tem uma longa história como dia de acerto de contas. A *Diada*, ou dia nacional, comemora a queda de Barcelona em 1714, após um longo cerco cujas origens estão na Guerra da Sucessão Espanhola. Nos últimos anos, o dia foi associado a um novo e crescente conflito: a pressão da Catalunha pela independência da Espanha. As raízes dessa luta estão ainda mais profundas na história, quando a Catalunha era parte essencial do Reino de Aragão.

A formação da Espanha remonta a 1469, quando o casamento de Fernando de Aragão e Isabel de Castela unificou politicamente seus dois reinos. Em 1500, a população de Aragão totalizava pouco mais de um milhão de pessoas, enquanto a de Castela era seis vezes maior. Gradual e previsivelmente, Castela tentou dominar sua contraparte menor e, em 1640, os catalães encenaram uma violenta rebelião que ficou conhecida como Guerra dos Ceifadores. Embora a guerra tenha sido geralmente uma revolta camponesa contra impostos onerosos e a exigência de Castela de que suas tropas fossem alojadas pelos habitantes locais, os catalães contemporâneos reformularam a narrativa da guerra como uma revolta contra a Espanha e a celebram em seu hino, *Els Segadors* (“Os Ceifadores”). Os separatistas de hoje adotaram o hino como grito de guerra: “*A Catalunha triunfante será novamente rica e generosa / Afaste essas pessoas / que são tão presunçosas e arrogantes*”.

De algumas formas, a Guerra dos Ceifadores pressagiu a agitação que engoliria a Espanha no século XVIII. A essa altura, a Espanha havia deixado de ser uma grande potência e sua fraqueza tornou-se aparente quando Carlos II morreu sem deixar herdeiro em 1700. Em poucos meses, a Guerra da Sucessão Espanhola começou. A longa costa mediterrânea da Espanha e o acesso ao Atlântico Norte a tornaram parte essencial do tabuleiro de xadrez europeu mais amplo, e as duas grandes potências do continente, os Habsburgos austríacos e os Bourbons franceses, estavam determinadas a colocar seu próprio candidato no trono espanhol.

Configurando-se em uma luta geopolítica pelo domínio europeu, a guerra envolveu emaranhados complexos e alianças mutáveis, e atraiu reinos grandes e pequenos. A própria Espanha se dividiu de oeste a leste em relação ao apoio às potências concorrentes, com grande parte da região de Castela apoiando o pretendente francês dos Bourbon, Filipe V, neto de Luís XIV, e o setor de Aragão favorecendo os Habsburgos, com Carlos, arquiduque da Áustria. Os ingleses, sempre hostis aos franceses, aliaram-se aos Habsburgos e, portanto, a Aragão.

A guerra de sucessão assolou a Europa por 13 anos e custou cerca de 400.000 vidas, embora a rede mais ampla de conflitos que gerou possa ter levado o dobro desse número. Uma complicada série de tratados conhecidos como a Paz de Utrecht finalmente encerrou a guerra em 1713, colocando Filipe V no trono espanhol. A Grã-Bretanha, tendo conquistado importantes concessões territoriais e comerciais, abandonou o campo. Mas a Catalunha não. Seu descontentamento com Castela ardia desde a Guerra dos Ceifadores, mas a hostilidade aos franceses também estava profundamente enraizada. Com o fim da guerra maior, a Catalunha ficou sozinha contra a França e a Espanha Bourbon.

A posição da Catalunha ao longo da fronteira dos Pirineus com a França e sua costa mediterrânea a tornava um prêmio estratégico; acrescentando a esse apelo, Barcelona era uma cidade rica e dinâmica. Determinados a controlar a área, os novos governantes Bourbon da Espanha montaram uma ofensiva, planejando intimidar o interior da Catalunha e isolar Barcelona. Cerca de 85.000 soldados foram destacados para a região, cuja população totalizava não mais que meio milhão. A sociedade lutou sob a ocupação militar e as represálias brutais contra camponeses resultaram em centenas de execuções sumárias. Mas a dura repressão do campo apenas fortaleceu a determinação de resistir da população de Barcelona. Quando autoridades da cidade concordaram em capitular em junho de 1713, sua decisão foi anulada sob pressão das guildas e do público.

Enquanto os Bourbons se preparavam para sitiar a cidade, Antoni de Villarroel, que tinha uma longa e bem-sucedida história como comandante militar, primeiro para os Bourbons e depois para os Habsburgos, foi encarregado da organização das defesas de Barcelona. Villarroel provou ser altamente eficaz, apesar de ter reunido apenas 6.000 a 7.000 homens contra dezenas de milhares de sitiados. Ele concentrou sua estratégia defensiva em três áreas principais: o campo, o litoral e as muralhas medievais da cidade. No campo, os cerca de 800 combatentes levemente armados da milícia rural, ou *miquelets*, iniciaram operações de guerrilha, atormentando as tropas Bourbon e interrompendo as linhas de abastecimento. O conhecimento dos miquelets sobre o terreno montanhoso perto de Barcelona deu-lhes uma clara vantagem e eles se mostraram uma verdadeira ameaça para as forças Bourbon.

Ao longo da costa, Villarroel conseguiu manter abertas as linhas vitais de abastecimento, novamente graças ao conhecimento local da área. Os catalães encontraram maneiras de escapar do bloqueio inimigo e, durante a maior parte do primeiro ano do cerco, os cidadãos de Barcelona não sofreram grandes privações. O terceiro elemento no plano defensivo de Villarroel, a muralha da cidade – com um metro de espessura na maioria dos lugares – provou ser um forte baluarte contra os atacantes Bourbon. O bombardeio repetido durante o cerco foi amplamente ineficaz. A milícia de Barcelona, *La Coronela*, também desempenhou um papel fundamental. Organizada em seis batalhões, cada um representando uma guilda de comerciantes locais, contribuiu significativamente para a defesa, e o moral na cidade sitiada permaneceu alto.

O Duque de Pópoli, líder castelhano e sitiante francês leal ao rei Filipe V, inicialmente acreditou que a demonstração avassaladora de força dos Bourbon seria suficiente para forçar a cidade a se render, mas isso não aconteceu. Nem as repetidas barragens de morteiros apoiadas pelos franceses. Depois de um ano, Pópoli não estava nem perto de romper o cerco, embora tivesse conseguido avançar para os arredores da cidade. Para Luís XIV, o fracasso da França em conquistar Barcelona foi prejudicial à reputação dos Bourbon e não poderia ser permitido em uma Europa onde a fraqueza percebida convidava ao ataque. Em julho de 1714, James FitzJames, 1º Duque de Berwick, substituiu Pópoli, e reforços franceses chegaram ao local.

Berwick, filho ilegítimo do deposto Jaime II da Inglaterra, emergiu como um líder talentoso no exército francês e tinha quase 40.000 homens à sua disposição quando assumiu o comando. Ele planejou uma abordagem em duas frentes para o cerco. Primeiro, queria bloquear efetivamente o porto, para impedir a chegada de provisões e material de guerra e, assim, quebrar o moral civil. Em segundo lugar, ele pretendia romper a muralha medieval da cidade. Para tanto, os armamentos foram apontados para uma seção específica da muralha. Em meados de julho, 84 grandes canhões e 24 morteiros dispararam em um bombardeio quase ininterrupto da seção alvo. Depois de um mês, o bombardeio abriu apenas uma pequena brecha na parede e, conforme as tropas francesas avançavam para a cidade, os defensores atacavam seus flancos. Embora as baixas de ambos os lados fossem pesadas, os sitiantes avançaram e, com notável vantagem numérica, gradualmente progrediram. Enquanto isso, o bombardeio criou lentamente uma abertura maior na parede.

O ataque final começou no início da manhã de 11 de setembro, quando 18.000 soldados Bourbon invadiram Barcelona. Embora os defensores da cidade estivessem em desvantagem de três para um, montaram uma intensa resistência. As últimas horas do cerco viram ferozes combates corpo a corpo, casa por casa, rua por rua, resultando em terrível destruição para a cidade. As estimativas das perdas totais entre os catalães variam de 7.000 a 8.000 mortos e feridos, enquanto os sitiantes perderam mais de 15.000 homens. Para evitar a perda de mais de seus homens, Berwick aceitou a oferta de rendição condicional do Barcelona no início da tarde do dia 11. Um dos cercos mais notáveis da época havia terminado.

Berwick prometeu preservar a propriedade e o bem-estar dos residentes de Barcelona, mas Luís XIV não honrou suas promessas. Os franceses prenderam cerca de 20 comandantes militares de Barcelona, confiscaram suas propriedades

e começaram a construção de La Ciutadella, uma enorme fortaleza militar com vista para a cidade. Mais de 6.000 soldados estavam permanentemente estacionados em Barcelona, com outros 20.000 restantes em território catalão. Inspirados no modelo da França, os vencedores espanhóis dos Bourbons também iniciaram um processo de centralização que incluiu a repressão do patrimônio linguístico e cultural da região. Os direitos e privilégios tradicionais que a Catalunha e os territórios mais amplos do antigo Reino de Aragão mantinham desde a Idade Média foram abolidos.

Apesar da repressão, no final do século XVIII a Catalunha se tornou a primeira área da Espanha a se industrializar, estimulando um renascimento econômico. Em 1790, a produção catalã de algodão perdia apenas para a britânica; a indústria têxtil continuaria a desempenhar um papel fundamental na regeneração econômica da região ao longo do próximo século. Durante esse período, a Catalunha permaneceu leal à Espanha, mesmo quando um renascimento cultural catalão ganhou impulso, e o cerco de Barcelona em 1714 passou a desempenhar um papel proeminente na auto narrativa da região.

Em 1932, um estatuto para a autonomia catalã tornou-se lei, mas sete anos depois a sangrenta vitória dos nacionalistas na Guerra Civil Espanhola pôs fim a ele. O regime fascista do generalíssimo Francisco Franco pretendia construir uma nova e gloriosa Espanha, onde as línguas e tradições regionais não teriam lugar. A repressão linguística e cultural voltou a ocorrer, mas não conseguiu suprimir o espírito catalão. Em 11 de setembro de 1976, um ano após a morte de Franco, cerca de 100.000 pessoas protestaram pela autonomia catalã em Sant Boi, nos arredores de Barcelona, porque as autoridades se recusaram a permitir que eles se reunissem nesta cidade.

No dia 11 de setembro seguinte, porém, um milhão de pessoas marcharam em Barcelona, exigindo, entre outras coisas, a restauração de um governo catalão regional, ou *Generalitat* – uma das instituições abolidas após a derrota de Barcelona em 1714. Em 2006, a Catalunha alcançou o *status* de *nació* (“país”), mas isso foi rescindido quatro anos depois. Hoje, enquanto líderes catalães são presos ou fogem para evitar punições e o movimento separatista cresce, a Europa mais uma vez teme que o destino da Espanha possa ter repercussões em todo o continente, e alguns catalães sentem que Barcelona está novamente sitiada.

Publicado em 2018 no [HistoryNet](#).

***Andrew Dowling** é historiador no Departamento de Estudos Hispânicos da School of Modern Languages da Cardiff University. Anteriormente trabalhou no Departamento de História da Queen Mary University of London. Antes disso, viveu em Barcelona, onde concluiu seu doutorado, cuja pesquisa centrou-se na história da Catalunha no século XX e, em particular, na articulação política do nacionalismo catalão tanto sob a ditadura de Franco quanto na Espanha democrática. Leciona em cursos sobre a história moderna e contemporânea da Espanha e comenta regularmente na mídia sobre questões de interesse contemporâneo para a Espanha, incluindo veículos como BBC, CNN, France 24, Associated Press e TRT World, tendo sido citado em meios de comunicação espanhóis, incluindo El País, La Vanguardia e CTXT.
